

10. Deutscher Lusitanistentag X Congresso Alemão de Lusitanistas

M i g r a t i o n u n d E x i l M i g r a ç ã o e e x í l i o

Sektion 1 || Secção 1: Schreibung in der Lusophonie: Vergangenheit, Gegenwart und Zukunft ||
Grafia na lusofonia: passado, presente e futuro
(Rolf Kemmler, Vila Real/Barbara Schäfer-Prieß, München)

Abstracts/Resumos

Gladis Massini-Cagliari (UNESP - Araraquara)

O que significa o rótulo “escrita fonética”, quando nos referimos aos cancioneros medievais galego-portugueses?

Este trabalho discute a noção de “escrita fonética”, quando aplicada para caracterizar a(s) grafia(s) das cantigas medievais galego-portuguesas, produzidas principalmente entre os séculos XIII-XIV. Para tal, examinaremos a escrita de cancioneros profanos e religiosos remanescentes, produzidos em época contemporânea aos trovadores: o *Cancioneiro da Ajuda* e os manuscritos remanescentes das *Cantigas de Santa Maria*.

Dos três cancioneros remanescentes que contêm cantigas profanas galego-portuguesas, o *Cancioneiro da Ajuda* é o mais contemporâneo aos trovadores e é o único de procedência ibérica. Com relação às *Cantigas de Santa Maria*, são quatro os códices contendo cantigas da coleção: dois deles pertencem à Biblioteca del Monasterio de El Escorial, na Espanha; o terceiro está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid; e o último pertence à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, Itália.

Existe, dentre os estudos desenvolvidos por filólogos do final do século XIX e início do século XX, interessados no português trovadoresco, uma crença de que a escrita do português, naquela época, era fonética, no sentido de procurar transcrever (fielmente, na opinião da maioria) os sons da fala de quem produziu (ou copiou) o texto. Apesar da crença na relativa fidelidade na transcrição dos sons proporcionada pela escrita trovadoresca, vários filólogos da época, como Nunes (1969, p. 193), já observavam certo afastamento desta tendência, no que concerne à escrita medieval do ancestral linguístico das variedades do português contemporâneo.

Embora a representação dos sons da fala fosse sempre central na definição tipológica da escrita fonética, na prática a ausência de traços que a caracterizassem como uma escrita do tipo etimológica era o fator preponderante na decisão de classificação. Uma escrita do tipo etimológica se caracteriza, basicamente, por apresentar marcas gráficas que revelam a origem histórica da palavra, geralmente com base na escrita latina. Na história do português, o chamado período pseudoetimológico é posterior à época trovadoresca, tendo se iniciado no período do Renascimento, com a intensificação da influência latino-clássica que se verificava no final do período da escrita fonética (MELO, 1967, p. 213).

Quando se trata de caracterizar tipologicamente a escrita desenvolvida para registrar as cantigas medievais galego-portuguesas profanas e religiosas em manuscritos, os estudiosos são unânimes em rotulá-la como “fonética”. A classificação encontra-se em conformidade com a dada para a escrita desenvolvida nesse período histórico específico,

uma vez que essa classificação geral deriva, em grande parte, da escrita praticada nos manuscritos contendo cantigas.

A análise dos dados aponta para o fato de a escrita medieval do português já ser, tipologicamente, ortográfica (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI 1999). Neste sentido, a diferença entre a escrita dos cancioneiros e a atual escrita do português não é de tipo, mas da falta de unificação ortográfica, naquela época.

Para os estudos de Linguística Histórica, é justamente a ausência de uma norma única que faz com que seja possível fazer algumas observações a respeito do sistema fonológico do português arcaico – e não o fato de sua escrita ser fonética. É nesta característica que reside o grande valor do testemunho ímpar da escrita da época para os estudos linguísticos, que deixa entrever, pela possibilidade de escolha entre normas alternantes (às vezes, dentro dos limites de um mesmo texto), as hipóteses de análise dos falantes sobre os sons da sua própria língua.

Luiz Carlos Cagliari (UNESP - FCL - Araraquara, CNPq)

Notas para uma teoria da ortografia

Tradicionalmente, a ortografia tem sido vista e estudada através de considerações de natureza histórica, dos sistemas existentes, das regras estabelecidas, do ponto de vista das políticas linguísticas e de sua importância nas atividades escolares.

Raros são os estudos que procuram um embasamento teórico mais amplo para a ortografia como um todo e não apenas com relação a fatos particulares estabelecidos pela história das reformas ortográficas, por exemplo, do Português. Essa situação se estabeleceu por causa de a ortografia ter sido definida apenas como escrever certo ou errado.

Uma teoria da ortografia deve levar em conta: 1) a história da ortografia; 2) uma teoria dos sistemas de escrita; 3) os aspectos linguísticos da escrita, em particular, da escrita ortográfica e não ortográfica.

A ortografia é um sistema que dá sustentação a qualquer sistema de escrita. No uso social, todos os sistemas de escrita só funcionam adequadamente, quando têm uma ortografia. A função básica da ortografia é neutralizar a variação linguística, na relação entre escrita e fala. A ortografia torna qualquer sistema de escrita em uma espécie de sistema ideográfico.

Esses aspectos essenciais de qualquer sistema ortográfico nem sempre são levados em conta de modo adequado nas reformas ortográficas. A história das reformas ortográficas da Língua Portuguesa é um bom exemplo disto.

Sílvia Canù (Università degli Studi “G. d’Annunzio” - Pescara)

Influências linguísticas e identitárias do sistema de escrita português na grafia do crioulo caboverdiano

A partir da independência proclamada em 1975, Cabo Verde enfrenta um percurso de valorização da língua local, o crioulo caboverdiano, cujas etapas principais são o Colóquio de Mindelo em 1979 e a oficialização do ALUPEC em 2009, encontrando-se atualmente na fase de *Corpus Planning* (Haugen, 1988).

O processo de elaboração de uma grafia para o caboverdiano segue os processos das grafias post-coloniais (Sebba, 2007), sendo ligado a dinâmicas de contato linguístico e

sobretudo identitário com a língua do ex-colonizador, neste caso o português. Estas dinâmicas refletem-se na escrita de textos produzidos por caboverdianos, que escolhem entre grafias de tipo fonético ou etimológico, representando uma atitude de afastamento ou aproximação simbólica à língua lexificadora.

Entretanto em Portugal está a ser implementado o novo Acordo Ortográfico do português, que privilegia a representação fonética da língua, levando, de certa maneira, a uma convergência das políticas linguísticas de Portugal e de Cabo Verde, com possíveis consequências na relação entre a escrita caboverdiana e portuguesa.

Objeto da presente pesquisa são as tendências das grafias nas práticas escritas dos caboverdianos, analisadas através duma metodologia qualitativa. A atenção focaliza-se em particular nos seguintes pontos:

- as preferências entre os diferentes tipos de grafia etimológica, fonética e formas intermédias;
- o valor identitário das grafias e o debate que está à volta das políticas de implementação da escrita para o crioulo caboverdiano.

O corpus que está na base desta pesquisa é constituído por textos escritos em crioulo caboverdiano de registo formal e informal (graus de 1 a 3 da escala de *Ausbau* de Kloss, 1988) produzidos a partir do 1998, ano de início da experimentação do ALUPEC: contos, textos da *linguistic landscape* como cartazes, inscrições nas paredes e da *Computer Mediated Communication*, sobretudo blogs.

A partir das práticas escritas dos caboverdianos, este estudo mostra como a graficização de uma língua não é uma operação neutral e que os sistemas de escrita das línguas estão interligados entre si.

Ricardo Cavaliere

Um passo da historiografia gramatical brasileira: as ideias ortográficas de Frei Caneca

Joaquim do Amor Divino Rabelo (1779-1825), popularmente conhecido com Frei Caneca, é uma das figuras mais importantes do movimento político pró-independência, com expressiva participação na Revolução Pernambucana de 1817. Sua atuação política levou-o à prisão na Bahia, onde permaneceu até 1921. Durante o período em que esteve no cárcere, Frei Caneca dedicou-se à redação de seu Breve compêndio de gramática portuguesa (1875-6); antes de ser encarcerado, Caneca já se ocupara de textos didáticos, dentre eles as Táboas sinóticas do sistema retórico de Fábio Quintiliano (1875-6) e o Tratado de eloquência (1875-6). O Breve compêndio é, sem dúvida, seu texto linguístico merecedor de maior atenção, dada sua importância na formação do pensamento linguístico brasileiro dos oitocentos. Este trabalho visa a avaliar as ideias ortográficas expostas por Frei Caneca em sua obra gramatical, comparando-as com a exposição do sistema ortográfico vigente em outras obras do mesmo período. As conclusões da pesquisa indicam haver no Breve compêndio uma proposta de reforma ortográfica de cunho vanguardista, dada sua maior identificação com um sistema de base fonorrepresentativa, de caráter simplificador, avesso ao emprego de grafemas pautados em critérios etimológicos e destoante, portanto, do modelo ortográfico que pontificava nos primeiros decênios do século XIX.

Sónia Coelho (CEL/UTAD Vila Real)

As ideias ortográficas de Jerónimo Soares Barbosa e a grafia nas edições oitocentistas da *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*: o caso dos ditongos

A *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* de Jerónimo Soares Barbosa constitui-se como um marco na gramaticografia portuguesa. Durante o século XIX, esta obra conheceu sete edições, percorrendo um período temporal de 1822 a 1881. Tendo por base o ideário ortográfico do autor e a sua confrontação com as ideias que então circulavam, propomo-nos analisar a prática gráfica constante nas edições oitocentistas da *Grammatica Philosophica* no que respeita aos ditongos, verificando as características que aproximam ou distanciam as sete edições e destacando os aspetos que refletem a evolução da grafia na centúria oitocentista.

Susana Fontes (CEL/UTAD Vila Real)

Instabilidade ortográfica nos séculos XVIII e XIX: o caso da *Gazeta de Lisboa* (1715 e 1815)

O início da centúria setecentista ficou marcado pelo surgimento do primeiro periódico oficial português, a *Gazeta de Lisboa*, em 1715. Um século volvido e, contrariamente às fugazes publicações que caracterizam o panorama jornalístico nacional, Portugal continua a dispor deste importante órgão de informação, que permite ao leitor um contacto com a realidade circundante. Recorrendo ao primeiro ano desta publicação e ao ano de 1815 constituímos um corpus de trabalho com cerca de 2000 páginas, representativo do estado da língua durante estes dois séculos.

Nesta comunicação, pretendemos refletir sobre a ortografia neste período, uma vez que a leitura dos textos da gazeta, desde logo, nos permitiu confirmar a existência de uma clara instabilidade ortográfica, que poderá denunciar a oscilação entre os critérios fonético e etimológico ou a simples falta de critérios, que decorre da ausência de um sistema ortográfico normativo e obrigatório. Neste sentido, propomo-nos analisar exemplos que comprovam precisamente esta inconstância gráfica, particularmente ao nível do vocalismo e do consonantismo.

Rolf Kemmler (CEL/UTAD Vila Real)

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990): ponto da situação

No âmbito da Secção intitulada *Grafia na lusofonia: passado, presente e futuro* pretendemos apresentar um ponto da situação da entrada em vigor do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (AOLP 1990). Face a várias publicações sobre o passado remoto e mais recente desta reforma ortográfica mais recente que fomos publicando ao longo dos últimos anos (Kemmler 2001, 2006, 2010, 2001a, 2012b), interessa-nos sobretudo apresentar e discutir o *status quo* da entrada em vigor do AOLP 1990 em Portugal e no Brasil – isto, obviamente, sem descuidar a situação nos países signatários.

José Barbosa Machado (CEL/UTAD Vila Real)

Os castelhanismos nos primeiros livros impressos em língua portuguesa

São conhecidos sete livros e três folhetos em língua portuguesa, impressos entre 1488 e 1500. Os livros, exceto um deles (as *Constituições de D. Diogo de Sousa*, Porto, 1497), são traduções de obras noutras línguas (do castelhano e do latim). As obras traduzidas diretamente do castelhano são as seguintes: *Sacramental* de Clemente Sánchez de Verrial (com duas edições incunabulares: Chaves, 1488; Braga (?), 1494-1500), *Tratado de Confissom* (Chaves, 1489), *História do mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma* (Lisboa, 1496) e *Evangelhos e Epístolas com suas exposições em Romance* (Porto, 1497). A análise do texto da *Vita Christi* (1495), embora o cólofon indique uma tradução diretamente do latim, parece provar que os tradutores tiveram em conta uma versão castelhana, de que se serviram em abundância. Propomo-nos com este trabalho fazer o levantamento dos principais castelhanismos presentes nestas obras, apresentando algumas hipóteses de âmbito ortográfico e lexical para os explicar.

Alguns dos castelhanismos que trataremos: *benes, çelebro, difyniçiones, conjuraçonees, coneçimento, Dios, diuisonees, êtençonees, fasta, fingiendo, hyrmanas, oraçonees, su madre, tuue, veinte* (*Sacramental*); *alguna, medeaneras, consentimiento, eiglesia, maa-no, manera, mercores* (dia da semana), *res* (*reis*), *sãgre, sortera, suzias testigos, uernes* (dia da semana), *uyente* (*Tratado de Confissom*); *alinpiar, diziendo, fuesse, inferno, la-drones, oscuro, presencia* (*Vita Christi*); *creia, dos, dezir, leida, saludou, tenia, truxo* (*História do mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma*).

Barbara Schäfer-Prieß (Ludwig-Maximilians-Universität München)

Schreibung und Aussprache der unbetonten Vokale im Portugiesischen des 16. Jahrhunderts.

Hinsichtlich der Frage, zu welchem Zeitpunkt sich die Abschwächung der unbetonten Vokale, die heute charakteristisch für das europäische Portugiesisch ist, ergeben hat, herrscht bisher keine Einigkeit. So reichen beispielsweise die Datierungen für die Abschwächung des auslautenden -o zu [u] vom 12. (Williams) bis zum 18. (Teyssier) Jahrhundert. Bei den Vortonvokalen wird meist angenommen, dass die Abschwächung frühestens ab dem 16. Jh. erfolgte. Zur Rekonstruktion dienten bisher neben der Analyse von überseeischen Varietäten und Lehnwörtern in fremden Sprachen vor allem metasprachliche Informationen. In diesem Beitrag soll dagegen die Graphie der unbetonten Vokale in handschriftlichen Texten sowie die Verwendung von diakritischen Zeichen in gedruckten Texten unter diesem Aspekt näher betrachtet werden.

Maurício Silva (Universidade Nove de Julho)

Reforma Ortográfica e Nacionalismo Linguístico no Brasil: Uma Abordagem Histórico-Discursiva

A partir do século XX, com as primeiras propostas de simplificação da ortografia da Língua Portuguesa, teóricos e estudiosos do assunto passam a travar intensa batalha em torno das sistematizações sugeridas. Se, num primeiro momento, a proposta de Medeiros e Albuquerque (Brasil, 1907) contrasta com a de Gonçalves Viana (Portugal, 1911), posteriormente há um esforço concentrado, por parte de autoridades e entidades representativas, em direção à unificação da ortografia da língua por meio de sucessivas reformas ortográficas. Semelhantes tentativas, contudo, acabaram por fracassar, já que divergências de natureza diversa ocasionaram o rompimento de posicionamentos linguísticos consensuais e resultaram na realização de Vocabulários Ortográficos autônomos por parte de Portugal e Brasil. O objetivo desta apresentação é analisar tanto as causas das divergências detectadas nesse processo de simplificação da ortografia da Língua Portuguesa quanto suas mais relevantes consequências: pode-se verificar, assim, desde o embate entre formações ideológicas de cunho nacionalista até sucessivas necessidades de se decretar leis que buscassem uma maior aproximação entre as representações gráficas da língua. Para tanto, serão usadas uma metodologia crítico-expositiva, em que buscaremos expor as principais etapas do desenvolvimento histórico da ortografia portuguesa; e uma metodologia crítico-comparativa, em que, partindo da comparação entre as diferentes propostas de reforma ortográfica, estabeleceremos suas divergências e semelhanças. Nosso trabalho pautar-se-á, no que diz respeito ao seu fundamento metodológico, na perspectiva teórica inaugurada pela Historiografia Linguística, que busca uma valorização da análise externa dos fatos linguísticos e sua repercussão no contexto em que os mesmos se inserem, bem como na Análise do Discurso de linha francesa, que busca analisar mais a fundo aspectos da construção discursiva dos documentos investigados.